



MARIA EUGÉNIA E FRANCISCO GARCIA // UMA COLEÇÃO DE AFETOS



MARIA EUGÉNIA E FRANCISCO GARCIA  
UMA COLEÇÃO DE AFETOS

## FICHA TÉCNICA

Título: Maria Eugénia e Francisco Garcia. Uma coleção de afetos

Conversa com Maria Eugénia e João Pedro Garcia

Autores: Emília Ferreira, Lúcia Saldanha, Raquel Henriques da Silva

Editor: MNAC

Revisão: Angelina Pessoa

Design: António Faria

Fotografias: Pedro Soares, Fernando Lemos,

António Faria, Lúcia Saldanha

ISBN: 978-972-776-596-6

MARIA EUGÉNIA E FRANCISCO GARCIA  
UMA COLEÇÃO DE AFETOS

## ÍNDICE

DEDICATÓRIA

*página nove*

PALAVRAS PRÉVIAS

*página onze*

FOMOS COMPRANDO À MEDIDA DAS NOSSAS POSSIBILIDADES

*página treze*

VISITAVAM MUSEUS E EXPOSIÇÕES

*página quinze*

UM TEXTO INÉDITO QUE APRESENTA A COLEÇÃO

*página dezassete*

UM PROJETO AFETIVO

*página dezanove*

OS QUADROS QUE JÁ VIAJARAM

*página vinte e um*

UM CICLO DE AMIZADES

*página vinte e quatro*

ISTO CUSTOU O PREÇO DO MEU ESPANTO

*página vinte e sete*

A MENINA BURDA

*página vinte e oito*

RESOLVI FAZER ISTO INTUITIVAMENTE

*página trinta*

O DESGOSTO MAIOR

*página trinta e dois*

GOSTO TANTO DE TODOS

*página trinta e três*

MUITOS QUADROS FORAM ESTUDADOS

*página trinta e cinco*

MARIA EUGÉNIA, EU DEPOIS COMPRO-TE OUTRO

*página trinta e sete*

À BAIXA NÃO SE IA DE QUALQUER MANEIRA

*página trinta e oito*

ERA UMA FORMA DE PAGAR AOS COLEGAS

*página trinta e nove*

UMA PAIXÃO TAMBÉM PELOS KANDINSKY

*página quarenta*

SÃO AS MINHAS JOIAS

*página quarenta e dois*

O LEMOS FOI AMIGO ATÉ AO FIM

*página quarenta e três*

ARTISTAS, COLECIONADORES E GALERISTAS

*página quarenta e quatro*

TENHO ESTE PRIVILÉGIO DE OS TER AQUI,

PORQUE É QUE NÃO VOU PARTILHAR?

*página quarenta e seis*



*A Maria Eugénia Garcia. In memoriam.*



## PALAVRAS PRÉVIAS

Ampliando a reflexão sobre os modos de entendimento do património, é agora a vez de dar voz, nesta coleção de entrevistas do [Portugal entre Patrimónios] a uma colecionadora. Esse universo do colecionismo privado que, com frequência, permanece fechado na intimidade das famílias e dos amigos é aqui revelado com contornos especiais: longe da questão do investimento, a coleção que o casal Maria Eugénia e Francisco Garcia foi reunindo ao longo de três décadas da sua vida revela, em especial, uma rede de amizades. Um modo particularmente íntimo de evocar o património.

No dia 9 março de 2020, respondendo a um repto lançado por Raquel Henriques da Silva, para conhecermos a colecionadora, deslocámo-nos à Rua António Augusto de Aguiar, em Lisboa. Ali, guiadas pela sua memória e acompanhadas também por um dos seus três filhos, João Pedro Garcia, fomos percorrendo a sua casa e conversando sobre esses outros habitantes tão especiais. Mais do que descobrir autores e obras, foi sobretudo tocante a partilha de momentos de íntima cumplicidade entre criadores e colecionadores, revelando simultaneamente um tempo e um país que já parece longínquo. Nesta conversa desfiada sem guião revela-se também o espírito de um tempo em que a cidade e os seus círculos sociais e culturais eram bem mais circunscritos e as vivências tinham outros contornos. Essas memórias das aquisições das obras misturaram-se com as da vida dos colecionadores e por isso mesmo é de assinalar a generosa simplicidade e abertura com que foram partilhadas. E, como ao longo das próximas páginas ficará claro, de como tudo se resumiu sobretudo a uma teia de afetos.

A Maria Eugénia e ao João Pedro Garcia, os nossos agradecimentos pela partilha. Primeiro, nesse dia de final de inverno de 2020, por nos terem aberto a sua casa e contado todas essas memórias. E, agora, mais de um ano e meio volvido, pelo empréstimo das obras que, entre 17 de novembro de 2021 e 29 de maio de 2022, transportam a memória dos colecionadores ao espaço público do Museu Nacional de Arte Contemporânea, ampliando conhecimento e contribuindo para novas leituras do património artístico nacional.





## FOMOS COMPRANDO À MEDIDA DAS NOSSAS POSSIBILIDADES

**Emília Ferreira (EF):** Como é que a Maria Eugénia conheceu o seu marido?

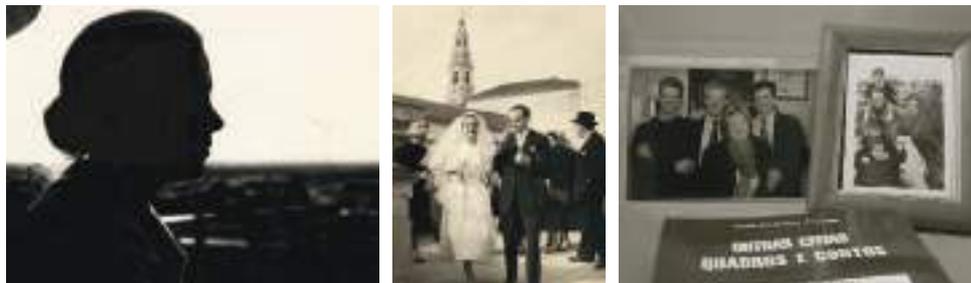
**Maria Eugénia Garcia (MEG):** Conhecemo-nos em meados dos anos 50, através de um amigo das nossas famílias, o notário José Cardoso. Casámo-nos em março de 1958. Tivemos três filhos, João Pedro (n.1959), José Frederico (n.1960) e Francisco Miguel (n.1963).

**Lúcia Saldanha (LS):** Eram ambos de Lisboa?

**João Pedro (JP):** Não, o meu pai, Francisco Garcia, nasceu a 7 de junho de 1915 na Madeirã, concelho de Oleiros, e era advogado. Morreu a 1 de maio de 1985. A minha mãe nasceu a 8 de outubro de 1933, em Ourém, diplomou-se pela Escola Técnica de Enfermeiras e foi professora do ensino secundário.

**LS:** Foi amor à primeira vista?

**MEG:** Vivi na Praça do Areeiro, em casa de amigos dos meus pais, não sei quantos meses, porque vim para Lisboa fazer o curso de Enfermagem. Eu tinha tido uma tuberculose dois anos antes e tive que fazer os testes todos. “Você está boa, você está boa, mas não pode ainda acabar o curso, tem que passar mais um ano sobre a sua doença”. Eu chorei imenso. Esses amigos dos meus pais tinham uma filha pequena que ia para o ballet, eu acompanhava-a, estava por lá. Havia uma ligação deles com o Francisco, ainda eram primos, por aquelas aldeias ali à volta do Zêzere, e eram visitas uns dos outros. Vimo-nos. Olha. “Olhei. Olhaste. Gostei. Gostaste.” Nunca houve uma palavra, nem nada. Foi só “olhei, olhaste”, mais nada. Autêntico!



**Raquel Henriques da Silva (RHS):** São aqueles olhares cheios de conteúdo!

**EF:** Quando começaram a colecionar?

**JP:** À data do casamento já estava em casa do meu pai a obra “Bastidores”, de Marcelino Vespeira. A “Evocação de Florença”, também de Vespeira, ainda não tinha regressado de São Paulo, onde havia sido incluída na representação portuguesa na Bienal de 1957. Foi, aliás, por insistência dos meus pais que o autor concluiu esta obra a tempo de ser apresentada no Brasil.

**EF:** O que os levou a esse primeiro impulso de começar a rodear-se de arte?

**MEG:** A partir do casamento fomos comprando à medida das nossas possibilidades, e do nosso gosto — mais do que dos nomes. Foram sempre os principais critérios para as aquisições.

**LS:** Qual foi o primeiro quadro?

**JP:** Este aqui, “Bastidores”, do Vespeira.

**MEG:** Comprou-se ao Vespeira. Foi antes de casar. Antes de 58. A “Evocação de Florença” acabou-o à nossa custa. Nós íamos lá para casa e obrigávamo-lo a pintar.



## VISITAVAM MUSEUS E EXPOSIÇÕES

**RHS:** Como é que foram conhecendo os artistas?

**MEG:** O interesse do Francisco pela arte contemporânea teve certamente origem no seu relacionamento com António Pedro, que conheceu nos períodos de férias em Moledo, no Minho, em casa de amigos comuns, anos antes de casarmos.

**JP:** Foi nos anos 40, 50.

**MEG:** Grandes amigos do Francisco tinham casa em Moledo e, naturalmente, conhecemo-nos lá. Quando para lá íamos, era pelo António Pedro. Depois, quando ele vinha a Lisboa, continuávamos a ver-nos. Eu lembro-me de serões em que ficávamos a ouvir o António Pedro. Quando ele estava em Lisboa reuníamo-nos em torno de um célebre arroz de cabrito! O António Pedro passava horas a falar, falar... e eu ficava fascinada a ouvi-lo. Lembro-me perfeitamente. Também nos reuníamos em casa do França, às vezes jantávamos lá; outras vínhamos aqui jantar também. Antigamente jantávamos muito mais uns em casa dos outros. Depois o quarto andar do Azevedo ... subi quantas vezes?! Sei lá!

**EF:** Quem foram aqueles de quem ficaram mais próximos?

**MEG:** Através de António Pedro, o Francisco terá conhecido o José-Augusto França. Este considerava-o “o seu melhor Amigo” e “o irmão que nunca teve”. Pela mesma altura, tornou-se muito amigo de Vespeira, de Fernando Lemos e de Fernando Azevedo, amizades que duraram até à morte.

**LS:** Formavam um grupo?

**MEG:** Sim. Reuniam-se com muita regularidade, visitavam museus e exposições (a Galeria de Marçõ, a Jalco...) e isso foi aguçando a curiosidade e o seu gosto pela arte.

**LS:** João Pedro, lembra-se de ir com os seus pais a exposições?

**JP:** Sim, lembro-me de ir desde miúdo. Marcaram-me, especialmente, a grande retrospectiva de Joaquim Rodrigo, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, e várias mostras na [Galeria] 111 e nas desaparecidas Divulgação, Diário de Notícias e Buchholz. Foi nesta última que comecei a comprar discos de música clássica, o que ainda faço, infelizmente já não lá.

**EF:** Como veem hoje (filhos e netos) esse património afetivo, artístico — e histórico — com todo o peso de documentação e investigação que reuniram e que se reflete nas várias publicações (catálogos, livros) em que as obras da coleção têm sido registadas?

**JP:** Sobre o impacto que a coleção tem tido nas gerações mais novas da família, apenas posso falar em meu nome. As obras que maior impacto tiveram em mim foram a “Procissão”, do Pomar, e a “Evocação de Florença” e, ainda, o “Estojo Quiromântico”, de Jorge Martins, que, com obras de Vespeira, de Nuno Siqueira, de Cargaleiro e de Costa Pinheiro, me acompanhou numa das minhas estadas em Paris.



## UM TEXTO INÉDITO QUE APRESENTA A COLEÇÃO

**RHS:** (dirigindo-se a EF) Não sei se tens presente que o ponto de partida deste projeto de apresentar a coleção foi o seguinte: a Maitê França, a mulher do França, naquelas conversas que temos regularmente, disse-me que o último texto que o França escreveu, e não publicado, é o texto que ele fez ...

**JP:** Que eu lhe pedi para fazer, porque gostava de o ter. Foi em 2016. Eu tenho ali o texto.

**RHS:** O João Pedro pediu-lhe um texto, para o caso de se vir a fazer alguma coisa com, ou tendo por base, a coleção.

**JP:** A ideia era haver, pelo menos, um catálogo e, eventualmente, uma exposição. Mas, sobretudo, queria ter um testemunho escrito do José-Augusto França, porque em 2016 já ele ia a caminho dos 94 anos. Pensei “se ele não faz agora...”. Por sorte, escreveu.

**RHS:** Portanto, nós temos um texto inédito do José-Augusto França, que eu ainda não li, que apresenta a coleção.

**JP:** E também apresenta os colecionadores, porque houve conversas entre os três, sobre estes e outros quadros.

**RHS:** Eu costumo dizer que o António Pedro foi a maior paixão do José-Augusto.

**JP:** Sim, é verdade. Conheceram-se em Moledo nos anos 40, como a minha mãe já referiu. Tinha o José-Augusto França 20 e poucos anos, e o meu pai um pouquinho mais, 27 ou 28. Ficaram amigos desde essa altura. A partir dos anos 50 o meu pai foi comprando umas coisas de que gostava.

**MEG:** O Francisco começou por ir às exposições da Jalco.

**JP:** Só comprava aquilo que podia, por um lado, e, por outro, aquilo de que gostava. Era uma coleção, mas era para ter em casa. É isso que explica este conjunto, há coisas que tem e outras que não tem.

**RHS:** Compravam os dois... começaram a comprar quando se namoravam ainda?

**MEG:** Pouco.

**RHS:** Não. Tinham que poupar para o casamento.

**MEG:** Nessa altura só havia o Vespeira que, então, estava em São Paulo, e os “Bastidores”, e pouco mais.

**JP:** E depois a pouco e pouco, foram comprando. Eu assisti — nasci em 1959.

**MEG:** Havia uma relação muito forte com o Vespeira e com o Azevedo; havia uma grande amizade com o Lemos.

**RHS:** Pois, tem um conjunto de Lemos muito bom.

**JP:** Há muitas obras que estão cá em casa graças à minha mãe. Noventa e cinco por cento foram compradas em conjunto.

**RHS:** Tem um gosto e tem um interesse.

**EF:** Há um olhar e há uma responsabilidade.



## UM PROJETO AFETIVO

**RHS:** E, portanto, a ideia que lancei — e daí a Emília estar aqui — dentro daquela linha de trabalho do museu, parecia-me o museu certo para expor estas obras, mas nisso eu sou suspeita, porque é sempre o primeiro museu de que me lembro — pela escala, pela dimensão e pela linha de programação, e porque temos todos uma grande ligação com o França.

**EF:** Claro.

**RHS:** Já emprestaram vários para o Museu do Chiado.

**JP:** Na exposição do Rodrigo estiveram todos os que temos. Também para lá foram vários outros do Vespeira.

**EF:** Claro, é uma colaboração antiga.

**MEG:** Eu gostei de os ver lá.

**RHS:** Mas eu gosto muito de os ver aqui.

**EF:** Confesso que também gosto muito de os ver aqui em casa.

**RHS:** Acho que as coisas estão fotografadas.

**JP:** Estão. As fotografias foram feitas pelo fotógrafo do José-Augusto França, o Pedro Soares. Ele poderá vir a casa da minha mãe fotografar o ambiente em que as obras estão.

**RHS:** Ah, isso é importante: frequentar a casa e aqui a artista principal [Maria Eugénia Garcia].

**JP:** Temos fotografias dos meus pais que foram tiradas pelo Fernando Lemos. Também é uma mais-valia para a exposição.

**EF:** É que fica um projeto afetivo.

**RHS:** A ideia de fotografar a casa é muito interessante.



## OS QUADROS QUE JÁ VIAJARAM

**LS:** Desde quando é que começaram a emprestar quadros para exposições?

**JP:** Foi logo desde o início, para a 4ª Bienal de São Paulo, como já referimos.

**MEG:** Este [“Evocação de Florença”] foi para lá antes de casarmos.

**JP:** As pessoas conheciam-se, não é? Na Gulbenkian estava o Zé-Augusto, o Fernando Azevedo... eles sabiam o que havia cá em casa. O Zé Sommer Ribeiro também. Por isso foram pedindo obras para várias exposições, na Fundação e fora dela, em Portugal e no estrangeiro.

**MEG:** Houve umas que foram a Madrid e a Londres. Vários deles foram para a exposição de Beja dos anos 50, que depois seguiu para Belas-Artes. Os do Pomar foram para a grande exposição de 1978, na Gulbenkian. A “Procissão” foi o que saiu mais vezes.

**JP:** Saiu três ou quatro vezes. Temos os catálogos das exposições em que estiveram. Os Azevedo também saíram.



**EF:** Sim, está aqui tudo documentado nos catálogos e no dossier.

**JP:** Eu tenho mais alguns catálogos em casa. Falta aqui um do Jorge Martins. Mas aqui estão quase todos. Nós temos as cartas da Fundação Gulbenkian a pedir e a devolver os quadros; e do Museu do Chiado a pedir e a devolver. Tem que se fazer essa pesquisa.

**RHS:** Então, e aqui? Há alguma história para associarmos a estes?

**JP:** Sobre esses, conto eu. Temos a história toda documentada... Houve uma exposição do Lemos na [galeria] Dinastia, antes do 25 de Abril, em 1973. Eles nunca mais devolviam as obras. O meu pai, além de amigo, era advogado do Fernando Lemos, que estava em São Paulo. Tardavam em devolvê-las, originando trocas de cartas para cá e para lá, a pedir os quadros. O meu pai resolveu então comprar três deles. O meu pai disse: “Não devolvem, eu compro.” E assim temos três quadros dessa exposição da Dinastia. Estão dois cá em casa e está outro em casa do meu irmão. Depois, continuando com o Lemos, este desenho, de 1958, é uma das obras preferidas do José-Augusto França.

**RHS:** Eu gosto muito desse.

**JP:** O José-Augusto gostava especialmente dele, até o usou para capa de um dos seus livros. Existe também um número significativo de gravuras, serigrafias e litografias.

**EF:** Sim, estão aqui estas da Sonia Delaunay.

**JP:** Este, “6H” foi o daquela história célebre... sabem, com certeza, a história da exposição do Rodrigo, na Sociedade Nacional de Belas-Artes. Um pouco antes do 25 de Abril. É uma história muito engraçada que a mãe vai contar — a história do “Santa Maria”.

**MEG:** Ah! O “Santa Maria”, pois. Aquelas Belas-Artes estavam cheias, o Rodrigo expôs tudo! Mesmo os quadros que não vendia, que eram muito bonitos, muito bonitos. Isso foi tudo um malabarismo.

**RHS:** Uma história incrível!

**MEG:** O Rodrigo perguntava “Quanto é que isto custa?” Começou a pôr preços nos quadros que queria vender, à toa. À toa! Mas de tal maneira que o Francisco pega no telefone, liga para o Rui Mário Gonçalves e para o Manuel de Brito: “Venham aqui, isto está uma loucura”. Entretanto, o Francisco escolheu o “Santa Maria”.

**JP:** Que é alusivo ao assalto ao navio.

**RHS:** O quadro é agora do MNAC.

**MEG:** Eu fui para um canto com o Francisco, e o Rodrigo para outro. O Rui Mário chega e escolhe o “Santa Maria” e o Rodrigo vendeu-lho. Quando o Francisco chega ao Rodrigo: “Ai, eu vendi o quadro ao Rui Mário!” E agora? O que se havia de fazer? Havia amizade suficiente entre todos para estarem a regatear — Ai! o quadro já era meu... — não se fez guerra nenhuma e o Rodrigo ofereceu-nos um outro. De maneira que eu tenho ali um quadro por conta do “Santa Maria”, o “6H”, que está no meu quarto.

**RHS:** Esse foi oferecido?

**JP:** Sim, eu estava ao lado, era ainda pequeno, com o Américo Thomaz a inaugurar a exposição.

**RHS:** Ah foi? Não sabia.

**JP:** Foi. O Rodrigo estava a mostrar a exposição ao Américo Thomaz, até que chegaram junto ao “Santa Maria”. Então, o Rodrigo muda a conversa para as Descobertas, para o Cristóvão Colombo, para o navio de Cristóvão Colombo.

**RHS:** E ele “comeu” aquilo!

**JP:** Continuaram sem problemas.

## UM CICLO DE AMIZADES

**JP:** Aquele Arlequim é do António Pedro, o Candeeiro também é.



**RHS:** É uma beleza. Sabes [para EF], que eu acho muito interessante incluir os objetos.

**EF:** Sim. Concordo. Aqui está uma paisagem do Hogan muito bonita.

**JP:** Este óleo do João Vieira também é bom. O “Queimar o Judas”, do Pomar, só saiu uma vez, para a exposição da Gulbenkian, em 1978.

**RHS:** Aquele é do Rui Filipe.

**JP:** É um dos últimos quadros do Rui Filipe. Julgo que terá sido o último quadro que se comprou cá para casa.

**RHS:** Mas conheceu o Rui Filipe?

**MEG:** Ele ia ao escritório tratar de assuntos com o Francisco. Não sei se o quadro foi comprado ou se foi oferecido.

**RHS:** E estes aqui?

**JP:** Este é do Nuno Siqueira e aquele é do Fernando Azevedo, que está ali semiescondido. Segundo a minha mãe, é a vista da casa do Fernando Azevedo, em Almoçageme. O José-Augusto França diz que é em casa dos pais do Vespeira, no Alentejo. Onde fica a casa dos pais do Vespeira?

**EF:** No Samouco.

**MEG:** Tem dedicatória para nós, do lado de trás.

**JP:** Este é do René Bertholo — que também veio cá vê-lo — e disse que não se lembrava de o ter pintado.

**MEG:** Estou a ver o René, tão querido: “Fui eu que fiz isto? Mas, fui eu que fiz isto?” Foi!

**RHS:** Este pequenino é de quem?

**JP:** É do José Júlio. Esteve na exposição de Beja, nos anos 50.

**MEG:** Também era amigo. O quadro foi escolhido por nós, na casa dele. Fomos lá para agradecer qualquer coisa que ele tinha feito, no bairro de Santa Cruz, e ele mostrou-nos vários quadros. Prometi ao filho do José Júlio que havia de vir cá para ver o quadro do pai, mas nunca mais nos encontramos. Estive com a mulher dele na Escola do Magistério. Dávamos as duas lá aulas.

**JP:** Este aqui é do Cruzeiro Seixas, também foi ganho no Cem Cem.

**EF:** O tal clube.

**JP:** Isso. Aquele outro é do Hogan. O Rui Mário Gonçalves dizia que esta sombra era impossível.

**RHS:** Eu adoro estas histórias do Rui Mário Gonçalves.

**JP:** Esta “Evocação de Florença” do Vespeira é para mim uma beleza. O tal que fez o meu Pai andar atrás dele.

**MEG:** Para acabar o quadro.

**JP:** Para o acabar a tempo de ir para o Brasil para a Bienal de São Paulo, em 1957. Esta “Procissão” é do Pomar.

**MEG:** Este pequenino é do Noronha da Costa. Ofereceu-mo. Deu uma pintura ao Francisco e ofereceu-me este.

**RHS:** Que engraçado, não reparei, tão pequenino. Estás a ver [para EF], às vezes há curiosidades incríveis.

**JP:** Este Pillet foi comprado na Galeria de Março, se não estou em erro.



**RHS:** Houve uma tentativa da Galeria de Março, nesses anos, de apresentar artistas franceses. Venderam-se pouco.

**RHS:** A serigrafia da Vieira também é muito bonita.

**JP:** Estes são os dois do marido da Helena Almeida.

**EF:** Sim, do Artur Rosa. E estes dois são do Eduardo Nery. Na parede, entre os dois, está uma gravura do Almada.

**MEG:** Estes dois do Manuel Vieira são do meu filho Francisco.

**JP:** E este é do Armando Alves, andámos muito tempo à procura do autor. No resto do corredor, também há gravuras.

## ISTO CUSTOU O PREÇO DO MEU ESPANTO

**MEG:** Eu acho graça porque o meu neto diz que o quadro de que gosta mais, de todos, é este Lemos, de 1952.

**EF:** É muito bonito, é.



**RHS:** É muito bonito. É bom que a arte sirva para isso e que eles tenham este privilégio de olhar e escolher, não é?

**JP:** O meu sobrinho tem 23 anos. Está no Técnico e vai acabar o curso no ano que vem. Engenheiro, como o Rodrigo, não era?

**RHS:** O Rodrigo era agrónomo.

**MEG:** Este Lemos também tem história. É uma delícia!

**RHS:** Então vá, conte lá.

**MEG:** Eu tinha que ir a casa do pai do Lemos tratar de um assunto. Ele morava na Rua de Santo Amaro. Abre a porta, que ficava frente a uma escada estreitinha. Eu subo a escada e digo: “Mas o que é que o Senhor Lemos tem aqui?” Fiz um espanto de tal maneira por este quadro ao cimo da escada, a minha surpresa foi tão grande que ele escreveu ao filho: “A Senhora D. Maria Eugénia veio aqui e gostou muito, ficou...”, e o Lemos respondeu-lhe: “Ó pai, ofereça-lho.” O quadro custou o preço do meu espanto!

**JP:** Não está acabado, porque foi o quadro que ele estava a pintar antes de partir para o Brasil.

**MEG:** Já estive na Casa Fernando Pessoa e na Sociedade Nacional de Belas-Artes, numa das vezes em que ele cá veio.

## A MENINA BURDA

**JP:** Este é o último Vespeira que entrou cá em casa.

**MEG:** Eram dois. O par dele custou-me um aparelho dos dentes.

**JP:** Foi para o dentista, que era amigo.

**RHS:** Era amigo! Nós sabemos como é que alguns médicos faziam as coleções.

**JP:** Aqui está o Botelho que foi comprado na Buchholz. Lembro-me perfeitamente. Eu tinha dez anos. O França também o menciona no texto. Eu acho-o muito bonito. Esta “Senhora Deitada” é o outro Almada. Era o preferido do Rui Mário Gonçalves; o França gostava mais do outro.

**EF:** E aqui uma Lourdes Castro. Muito bonita.

**RHS:** Este Azevedo é maravilhoso.

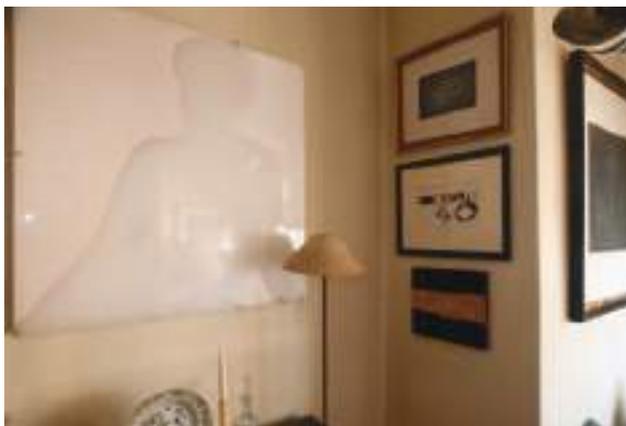
**MEG:** A minha neta, ainda pequenina, pequenina, chegou aqui: “Os barcos? Os barcos?” Eu contei ao Azevedo: olha que a Madalena chegou aqui e disse... “Pois, isto foi pintado em Cacilhas”, disse-me ele.

**JP:** Este óleo é do António Soares.

**RHS:** É também muito bonito, esse.

**JP:** Quanto ao da Lourdes Castro, ouvi dizer que ela passou uma época na Alemanha onde viveu em casa dos donos da revista Burda, e que era amiga da filha deles. Esta obra é, pois, ao que parece, a “Menina Burda”.

**RHS:** Gosto muito desta escala pequenina.



**JP:** É do Escada. Esteve há pouco na exposição da Gulbenkian. Este outro é do Nadir Afonso.

**RHS:** Não seria desinteressante fazer-se uma montagem de gravuras.

**EF:** A gravura tem um interesse particular.

**RHS:** Sim, sim, sim.

**JP:** Reparem neste conjunto de gravuras e serigrafias, da Paula Rego, do Nadir, da Menez e do Rodrigo.

## RESOLVI FAZER ISTO INTUITIVAMENTE

**MEG:** Vamos aqui para a minha toca multiusos.

**RHS:** Eu adoro o seu quarto. Já conheço a casa.

**JP:** É um espaço onde se come, se dorme, se vê televisão, onde, no fundo, se



faz tudo. Por isso estão aqui dois Rodrigues, um Lemos, um Vítor Fortes, um Noronha da Costa. E gravuras e serigrafias da Lourdes Castro, do Cargaleiro, do José de Guimarães, do Fernando Calhau e...

**LS:** Estas obras estão no seu quarto porquê? É porque as escolheu para aqui, ou porque não tinha outro sítio para as pôr?

**MEG:** Não sei. Isto não estava assim, só aqui tinha um quadro. Os restantes estavam dispersos, cada um não sei por onde. Um dia deu-me um não-sei-quê, e pensei: “Como é isto? Como é que vou pôr estes quadros todos?” Resolvi fazer isto, intuitivamente.

**JP:** A Mãe sempre gostou de fazer obras e de mudar as coisas.

**MEG:** Mudar as casas, mudar os quartos, mudar as coisas todas. Adorava. Tinha muita força e alterava tudo. As gravuras do corredor saíram certas. Havia muitas para pendurar e comecei com a do Bartolomeu. Já lá estava um prego. De repente, trás, trás, trás! Ficaram bem. Eu acho que ficaram.

**EF:** É muito curiosa a relação que temos com as obras no nosso espaço



doméstico, não é? A arrumação é feita, por um lado, pelo que é possível e, por outro lado, por afinidades que consideramos importantes. É completamente diferente de um espaço museológico, porque ali o discurso tem que ser organizado.

**MEG:** Por exemplo, aquela pintura ali é muito mais importante do que esta, mas não dei primazia. Achei que era ali que devia ficar, e ficou, não por qualquer razão — estava ali há muito tempo. Ficou ali. A “Evocação de Florença” sempre esteve ali. Lembro-me de o Vespeira vir cá a casa e apontar para a “Procissão”. Quanto a esses postais, estão todos escritos por trás. O João Cutileiro...

**EF:** A fazer a escultura do D. Sebastião.

**MEG:** Tinha-lhe mandado umas garrafas de vinho e ele agradeceu-as assim.

**EF:** Com um desenho.

**JP:** O João Cutileiro é mesmo amigo, ele. A campa onde está o meu pai, no Alto de São João, foi feita por ele.

**MEG:** “Eu gosto de trabalhar para vivos, não gosto de trabalhar para mortos”, dizia o João Cutileiro. Fez uma flor, uma beleza! É só uma flor desenhada, mais nada. Este Noronha da Costa foi oferecido ao meu marido.

**EF:** É lindíssimo.

**MEG:** E a mim, como eu já disse, ofereceu-me a colagem da sala.

**JP:** Há quatro obras que estão em casa do meu irmão: uma do Palolo, uma da Menez, uma do Vespeira e uma do Lemos.

**MEG:** Esse do Vespeira também tem uma história. Passou-se no Cem Cem. Houve um sorteio de uma pintura dele, e coube a alguém que olhou para o quadro e disse: “Mas para que é que eu quero isto?” E o Francisco, de imediato: “Quer vendê-lo? Quanto é que quer?” “Três contos e quinhentos”; “Tome lá já”. E pronto — comprou-lho.

**RHS:** Estas histórias são muito bonitas. A Maria Eugénia tem boa memória.

## O DESGOSTO MAIOR

**RHS:** Houve algum quadro que tenham querido comprar sem o ter conseguido?

**MEG:** Então não houve?! O desgosto maior foi o do Viana. O Francisco adorava o Viana.

**RHS:** Sim, o Eduardo Viana.

**MEG:** Em frente do Viana ele disse-me: “Maria Eugénia, eu queria este quadro”. Uma natureza morta linda, linda. E continuou: “Mas custa 25 contos”. Vinte e cinco contos! Enfim... Quando foi administrador de uma companhia, passou a ganhar um pouquinho mais, 25 contos — não se ganhava, era uma fortuna! O quadro acabou por ir para os petróleos, onde se fez a Expo.

**RHS:** Eu sei qual é a natureza morta. O seu marido quis mesmo comprá-la?

**MEG:** Namorou, namorou, namorou, namorou.

**RHS:** É uma natureza morta que tem um pano vermelho caído. O Diogo de Macedo conta que encontrou o Viana e que ele lhe disse: “Andei dois meses, três meses, cinco meses para encontrar o vermelho certo”. Maravilhoso! Era por causa disto que o França dizia: “as cores do Viana davam vontade de comer com faca e garfo”.

**EF:** Qual é a obra que mais vos fez sonhar?

**MEG:** Recordo-me particularmente de quando o Francisco comprou os dois óleos do Pomar no início dos anos 60. “Fiz uma loucura!”, disse-me. Lembro-me também de uma visita ao atelier do Almada (de onde vieram os dois quadros — como já vos disse, o José-Augusto e o Rui Mário preferiam cada um o seu). Normalmente, quando lhe era permitido, o meu marido trazia os quadros para casa, observava-os longamente e ou ficavam ou voltavam para trás. Foi assim que saiu um Appel e entrou uma Lourdes Castro.

## GOSTO TANTO DE TODOS

**RHS:** Vamo-nos sentar um bocadinho. Então e o quadro preferido, qual é?

**MEG:** Não sei bem, eu sento-me aqui, começo a olhar para eles e a recordar as coisas, sei lá. Gosto tanto de todos!

**RHS:** Não consegue eleger, é como com os filhos.

**MEG:** É muito difícil dizer, muito difícil. Todos têm uma história.

**RHS:** Mas cada um que entrava, e a vantagem era essa, deixava-vos apaixonados por ele. O seu marido ficava a olhar, não era?

**MEG:** Era assim: ele normalmente comprava um quadro de manhã, trazia-o para casa à noite; depois vinha para aqui, sentava-se numa cadeira daquelas, punha umas almofadas e o quadro à frente e via se gostava ou se não gostava.

**JP:** Foi-se embora o tal Appel...

**MEG:** O Appel era muito duro, não sei...

**JP:** E veio a Lourdes Castro.

**MEG:** Os miúdos (a Marta Wengorovius, o Pedro Proença e o Pedro Portugal) chegavam aqui e ficavam admiradíssimos, “mas o que é isto?”. Adoravam ver isto.

**RHS:** Os Pedros. Nós dizemos que é a geração dos Pedros.

**JP:** Vinham todos com o meu irmão Francisco, que era amigo deles, e ficavam muito surpreendidos por haver isto cá em casa.

**RHS:** Está tudo fotografado? Você tem um inventário-base?

**JP:** Tenho. Mas a coleção tem que ser estudada.

**MEG:** Ó João, os quadros que foram restaurados em Tomar, foram os Rodrigo?



**JP:** Foram os Rodrigo, sim. Estão limpos.

**MEG:** Tiveram um quadro imenso tempo no atelier, que serviu para estudo dos alunos do IPL de Tomar. Em troca do restauro — os quadros estavam cheios de humidade — pediram-me para os deixar ficar lá “para os nossos alunos” aprenderem.

## MUITOS QUADROS FORAM ESTUDADOS

**JP:** As coleções maiores do que esta, e porventura melhores, foram todas dispersas.

**RHS:** É importante que as famílias quando vendem — que é legítimo vender e é legítimo que queiram vender o melhor possível — nos deem conhecimento.

**EF:** Quais foram as maiores surpresas que tiveram com as exposições para as quais emprestaram obras da coleção?

**JP:** Grande parte das obras da coleção foi emprestada para exposições em Portugal e no estrangeiro. As múltiplas cedências à Fundação Calouste Gulbenkian correram geralmente sem problemas. Mas tivemos dois sustos, causados por outras entidades que abusaram da boa-fé e da generosidade da minha Mãe. As situações acabaram por se resolver, embora uma delas tenha deixado marcas.

**RHS:** Há um trabalho que está, em grande parte, feito.

**MEG:** Tenho um dossier com todas as saídas e entradas. Também tenho algumas faturas e canhotos de livros de cheques.

**EF:** O canhoto como documento é muito bonito, marca um tempo também.

**RHS:** É, é.

**MEG:** A história dos Pomar... [Um dia] veio da Diário de Notícias [Galeria

Diário de Notícias], com os quadros na mão, coitadinho. “Ó Maria Eugénia, acabei de fazer uma asneira, mas olha, foi uma paixão, custaram 8 contos!” — acho que 8 contos cada um.

**JP:** Temos quase todos os catálogos das exposições onde estiveram os quadros. Há quadros que foram estudados no âmbito das exposições. Há uns que saíram e outros que nunca saíram cá de casa.

**EF:** Para o ano vamos ter uma outra linha de publicações para coleções.

**RHS:** “Colecionadores em nome próprio”. É preciso arranjar assim um título engraçado; acho que faz muita falta. Nós temos pouco disso, e esta coleção está muito ligada a um ciclo de amizades.

**JP:** É verdade, é verdade.

**EF:** Claro, é uma coleção de amizades.

**MEG:** E de afetos.

**RHS:** As fotografias interessam-nos muito... Para fotografar no espaço, como é, João Pedro?

**JP:** Telefonei ao Pedro Soares, peço-lhe que venha cá a casa e tentamos arrumá-la de maneira a ser fotografada.

**EF:** Sim. Não é um cenário, é uma casa.

**JP:** É uma casa vivida.

**RHS:** Há quantos anos vive aqui?

**MEG:** Há 42 anos. Desde que casei.



MARIA EUGÉNIA,  
EU DEPOIS COMPRO-TE OUTRO

**MEG:** Casei e vim morar para o rés-do-chão, em 1958. Três anos depois mudámos para o segundo andar. Mais tarde, em 1972, viemos para o terceiro, para aqui. No mesmo prédio, do mesmo lado, estou aqui desde 1958. O meu marido tinha arrendado a casa em 1950.

**EF:** Um arrendamento de 70 anos.

**RHS:** Assistiu, portanto, à construção da Gulbenkian.

**JP:** Claro! E o Valsassina era aqui em frente.

**MEG:** Os filhos dos meus vizinhos saíam de casa quando tocava a campainha para as aulas.

**RHS:** Nessa altura ainda havia a Feira Popular.

**MEG:** Nos anos 50, no princípio, havia a Feira Popular. Lembro-me de lá ir com um dos meus irmãos e de ele ter jogado ao jogo das panelas. Ganhou.

**JP:** Eu estudei música, quando era pequenino, ali nos barracões da Fundação.

**RHS:** Pois, pois, eu lembro-me vagamente dos barracões.

**JP:** A Fundação foi inaugurada em 1956 e nós estudámos lá a partir de 1962 ou 1963. É uma lembrança muito nítida. Daqui tínhamos vista para os jardins.

## À BAIXA NÃO SE IA DE QUALQUER MANEIRA

**RHS:** Ia muito à Baixa, não era, Maria Eugénia?

**MEG:** E até tinha que fazer toilette. À Baixa não se ia assim, de qualquer maneira, como se vai agora.

**RHS:** E passava aqui o elétrico?

**MEG:** Sim. Eu ia de elétrico com o João até ao Terreiro do Paço, passeava com ele, a apanhar sol e a ver o rio. O meu marido tinha escritório na Rua da Prata e, depois do trabalho, ia buscar o carro e trazia-nos para cima.

**RHS:** E deixavam o carro na rua?

**MEG:** Na rua. Também me lembro do homem dos perus a subir...

**JP:** Aqui, na António Augusto Aguiar, por altura do Natal, subiam dezenas e dezenas de perus com um homem que os encaminhava com uma vara. Na altura, isto eram os arredores de Lisboa. Uma amiga do meu pai, muito snob, dizia que não conhecia nada acima do Saldanha.

**MEG:** Dizia: “Ó Francisco, para mim, do Saldanha para cima é tudo Vila Franca de Xira”.

**RHS:** Oh! Acho o máximo!

## ERA UMA FORMA DE PAGAR AOS COLEGAS



**MEG:** Foi cá em casa que isso foi dito, num jantar. Ao marido dessa amiga, colega do Francisco, oferecemos um Azevedo e um Bernardo Marques.

**RHS:** Porquê?

**MEG:** Era uma forma de pagar aos colegas, em vez de se pagar em dinheiro. Nos casos mais difíceis de outras áreas do direito recorria-se a colegas nelas especializados. O Francisco devia alguns favores, como advogado, tal como lhe deviam a ele. Não era como agora, em que há sociedades de advogados na altura não eram permitidas. O Francisco tinha-me oferecido o Bernardo Marques. “Maria Eugénia, eu depois compro-te outro”. Lembro-me perfeitamente. Coitadinho, depois não teve tempo. Era um sêpia, uma esquina de Lisboa. Uma beleza!

**RHS:** Conheceu a mulher dele, a Maria Elisa?

**MEG:** Ainda fomos a casa deles, numa passagem de ano, aquele género de coisas...

**RHS:** A Elisa era linda, e era tão interessante. O Eduardo Viana gostava imenso dela. Tinha cá uns ciúmes do Bernardo Marques. Ciúmes sem razão.

**MEG:** Nós estivemos na casa deles, numa festa que deram. E o Fernando Azevedo trouxe quadros do Bernardo Marques para aqui, para nós escolhermos... E fiquei sem nenhum! O que está aqui é o que tem que ser, e ter isto já é bem bom.

## UMA PAIXÃO TAMBÉM PELOS KANDINSKY

**RHS:** A Maria Eugénia e o Francisco viajaram ou não?

**MEG:** Viajámos bastante. Sobretudo pela Europa, muito na Holanda. Os museus da Holanda foram todos percorridos de alto a baixo. Tínhamos lá família e o Francisco gostava de ir muitas vezes ao mesmo sítio.

**JP:** A vista de Delft. O quadro de que o meu pai mais gostava era a “Vista de Delft”. Ia sempre ver a vista de Delft.

**MEG:** Passava lá horas! E uma vez foi a Roterdão, ao Museu Boijmans, não é assim que se chama?

**RHS:** Ah, o Boijmans! É em Roterdão, é.

**MEG:** E estava lá uma exposição do Kandinsky! O Francisco passava pelos Kandinsky e nunca mais de lá saía. “Está bem, está bem!” Até veio o vigilante ver o que se estava a passar naquela sala.

**EF:** Porquê?

**MEG:** Porque nunca mais de lá saíamos. Tinha mesmo uma paixão pelos Kandinsky.

**RHS:** Mas aí nunca pensou em comprar?

**MEG:** Não. Não.



## SÃO AS MINHAS JOIAS

**MEG:** Estes quadros são as minhas joias. O Francisco poderia ter comprado muitas outras coisas, mas não. Gastava o dinheiro em quadros, e nada de joias nem de peles. Uma vez disse-lhe “Ó Francisco, os quadros são as minhas joias”.

**RHS:** Também gostava, não é?

**MEG:** Também gostava.

**RHS:** Já sabemos que, das obras, gosta de todas. E dos artistas?

**MEG:** O Vespeira era muito nosso amigo. Ele até ia visitar-me à galeria Palmira Suzo, onde trabalhei alguns anos.

**EF:** Na Rua das Flores.

**MEG:** E tenho ali aquele Cruzeiro Seixas que é um cartão de Boas-Festas, por baixo do João Cutileiro. Estão os dois emoldurados. A compra deste Almada e do outro, foi uma história muito bonita. O Francisco foi ao atelier do Almada. Olha para este e diz: “Lembro-me dele da Galeria de Março.” O Almada ficou emocionadíssimo pelo facto de haver uma pessoa que, quinze anos depois, se lembrava de um quadro seu.

**RHS:** Que engraçado.

**MEG:** E então, o Almada pega neste quadro e no outro que está na sala de jantar e diz: “Estes são para si”. O Francisco perguntou: “Quanto?”, “15 contos os dois, por ser para si.”

**RHS:** O preço era bom?

**MEG:** Então, naquela altura... Nem tinha o dinheiro no banco. “Tenho que ir pôr dinheiro ao banco. Passei um cheque de 15 contos ao Almada”.

**JP:** Agora valem um bocadinho mais. São sobretudo muito bonitos.

**MEG:** Vocês [filhos] que os vendam, eu não vendo nada. Consegui nunca vender um quadro. O Francisco, quando comprava, tinha sensibilidade e sabia do que gostava.

**RHS:** É isso.

## O LEMOS FOI AMIGO ATÉ AO FIM

**MEG:** Nas férias, íamos para o Algarve, para a praia da Rocha. Ora, o Rodrigo tinha a casa dele no “Barranco do Rodrigo”. Era o Barranco do Rodrigo mesmo. Uma bonita moradia. Ele vinha a pé até à Praia da Rocha e nós íamos da Rocha até ao Vau.

**JP:** Este quadro chama-se Vau 2. Estive no Museu do Chiado, como os outros que temos dele, na exposição que o Pedro Lapa lá fez.

**MEG:** O Pedro Lapa esteve cá em casa a vê-lo nessa altura.



**JP:** Os amigos, além do Vespeira, eram o Rodrigo, o Lemos, e o Azevedo – era, não era? – os amigos a sério.

**MEG:** As cartas que eles escreveram!

**RHS:** Essas cartas já foram alguma vez publicadas?

**JP:** Não, não. Atualmente toda a gente fala do Lemos enquanto grande fotógrafo, que o era, mas era sobretudo um grande artista.

**RHS:** Sim, sim, e uma personalidade extraordinária, era gráfico...

**JP:** Era um gráfico absolutamente extraordinário, mas ele é mais conhecido pela fotografia.

**EF:** Sim, cá. Mas no Brasil é mais conhecido como gráfico.

**JP:** Essas duas obras que estão ali são dele.

**RHS:** Confesso que gosto imenso dos desenhos, sendo que a pintura também é muito boa; o França tem um desta série que está em Tomar. Os vossos são muito bons.

**JP:** Uns dias depois de o meu pai ter morrido, o José-Augusto França encontrou-me na Gulbenkian. Disse-me: “Não sabia que o teu pai estava tão doente, ele era o meu melhor amigo”.

**RHS:** Uma pessoa fica comovida.

**MEG:** Ele próprio dizia sempre “O Xico é o irmão que eu não tive.”

## ARTISTAS, COLECIONADORES E GALERISTAS

**MEG:** Nos princípios dos anos 50, abriu a Casa Jalco e foi uma grande mexida nas artes plásticas portuguesas.

**EF:** Sim.

**MEG:** E abriu também a Galeria de Março, aqui na António Augusto de Aguiar. Por essa altura o Francisco ainda não tinha comprado nada. Mas, o França ficou com uns quadros do Vespeira e do Azevedo. Na altura, surrealistas.

**JP:** Como já disse, o “Bastidores”, do Vespeira foi a primeira obra a vir cá para casa.

**LS:** O seu marido não era um mero colecionador: relacionava-se com artistas, com galeristas e com outros colecionadores...

**JP:** Houve uma época em que as pessoas ou precisavam de vender ou queriam comprar, como o Jorge de Brito, que comprava grandes quadros, às dúzias. Aliás, a Vera Lagoa escreveu um artigo no Diário Popular que dizia: “Inaugura hoje uma exposição de Vieira da Silva, mas houve três pessoas que tiveram o privilégio de a ver antes”. O Jorge de Brito, o Manuel Vinhas e o meu pai. Estavam os três mencionados no artigo, só que eles os dois compraram tudo e o meu pai não pôde comprar nada. Ele comprava o que gostava, na medida das suas possibilidades. Mas, principalmente, gostava de se dar com os artistas.

**LS:** Defendia-os também, não era? Era advogado deles.

**JP:** Sim, sim. Quando havia questões sobre compras e vendas de casas, ou sobre coisas mais pessoais, ele tratava de tudo. Temos três pinturas compradas na galeria Judite Dacruz.

**MEG:** Os Rosa, acho que são da Judite Dacruz. Tenho um talãozinho da compra. O quadro do Nuno Siqueira também foi comprado lá.

**JP:** Este é do marido dela, que é o ...

**MEG:** Siqueira. Nuno Siqueira. Também foi comprado na Judite Dacruz.

**JP:** Eu fui com o pai à Divulgação, que era para os lados da Estefânia.

**MEG:** O pai comprou lá a Menez. Tenho um Vasarely ali na arca. Os Nery e os Jorge Martins foram comprados na 111. Éramos amigos da Arlete e do Manuel de Brito.



TENHO O PRIVILÉGIO DE TER ISTO AQUI,  
PORQUE NÃO HEI-DE PARTILHAR?

**LS:** Quantos quadros tem a coleção?

**MEG:** São mais de 50.

**JP:** Gostávamos de ter um catálogo que reproduzisse a coleção toda.

**MEG:** Não temos nenhuma obra que não possa sair cá de casa. Nós não temos esse género de problemas.

**EF:** Porque, como já foi dito, é uma coleção de afetos.

**MEG:** É afeto.

**JP:** Chegou a altura de a mostrar. O meu pai já cá não está cá, mas está cá a minha mãe. A exposição será uma homenagem aos dois ao fim destes anos todos. A coleção diz-nos muito. Aos meus irmãos e mim porque desde miúdos vimos as obras entrarem cá em casa.



**MEG:** As pessoas ficam muito admiradas por eu emprestar os quadros. Então se eu tenho o privilégio de os ter, porque é que não hei de partilhar este gosto? As pessoas deviam ter mais espírito de partilha...

**EF:** Sim. É verdade. Mas são companhias de uma vida que vão sair todas ao mesmo tempo...

**MEG:** Faz alguma impressão, mas estes quadros sempre saíram. E tenho todo o gosto em que durante uns tempos estejam no Museu do Chiado.

Lisboa, 9 de março 2020.







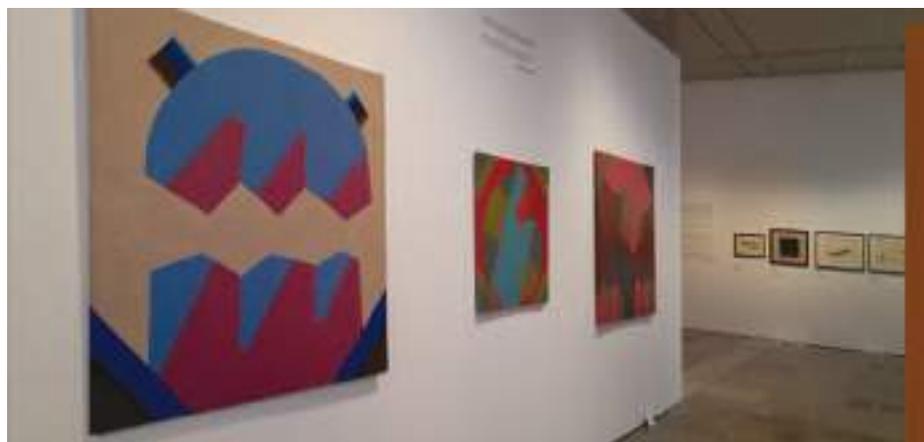
























**[Portugal entre Patrimónios]**

## **OUTRAS PUBLICAÇÕES**

**Luís Afonso. O importante é fazer pensar, fevereiro 2021**

**O artista do momento: o homem do paleolítico – Cartoons,  
de Luís Afonso. Catálogo da exposição, fevereiro 2021**

**Experiências de arte participativa.**

**Miguel Cheta, José Rui Martins, Rui Macário, João Dias, julho 2020**

**O elogio da Melancolia. Catálogo da exposição, dezembro 2020**

**Jorge Pinheiro. A liberdade de experimentar, julho 2020**

**Patrícia Nogueira. Entre a realidade e a ficção, julho 2020**

**O desenho, força que nasce do silêncio. Catálogo da exposição, junho 2020**

**António Faria. A importante ideia de melancolia, junho de 2020**

**[Portugal entre Patrimónios], janeiro de 2020**

**Cruzeiro Seixas. Como respirar, setembro de 2019**

**A Atenção – José Manuel dos Santos, maio 2019**

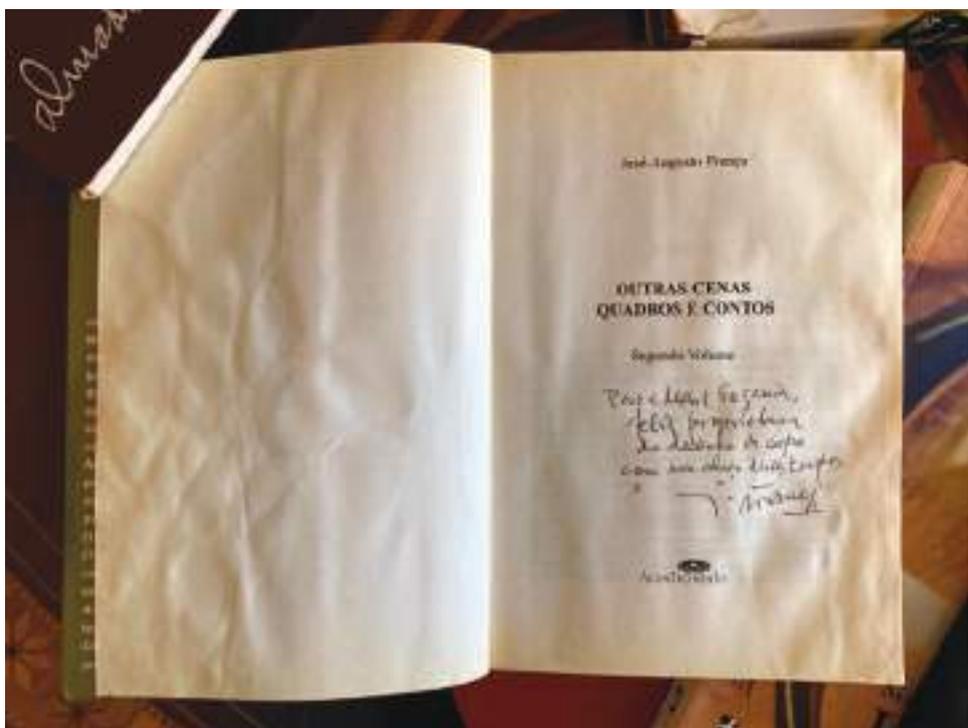
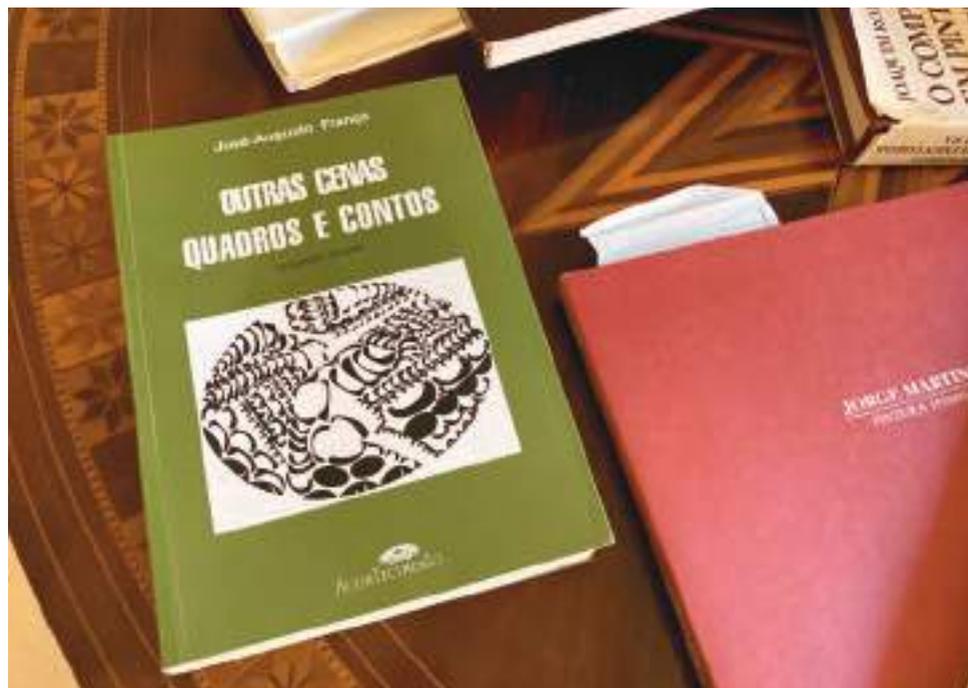
**Website:**

<http://www.portugalentrepatrimonios.gov.pt/>

**Publicações:**

<http://www.portugalentrepatrimonios.gov.pt/?p=195>







REPÚBLICA  
PORTUGUESA

CULTURA

**PATRIMONIO  
CULTURAL**

Direção-geral do Património Cultural

